



RESISTÊNCIA URBANA:

**um guia para acolher e apoiar
indígenas que vivem nas cidades**



ÍNDICE

OLÁ, PARENTE	03
VIVÊNCIA E RESISTÊNCIA: SUPERANDO DESAFIOS	05
RECONHECIMENTO E ACESSO A DIREITOS	06
O SONHO DE CURSAR UMA UNIVERSIDADE	08
NA CIDADE TAMBÉM HÁ DOENÇA	10
E A SAÚDE MENTAL, COMO FICA?	12
AFASTAR-SE DA CULTURA ANCESTRAL TAMBÉM ADOECE	14
A ESCASSEZ NOS RODEIA NA CIDADE	16
RESPEITE A MINHA ETNIA	18
SOMOS LUTA E RESISTÊNCIA	20
PARENTE, ANTES DE NOS DESPEDIRMOS	22

Óla Parente,

Se você chegou até aqui é porque, provavelmente, faz parte da gigantesca **taba dos povos indígenas** que vivem espalhados pelo Brasil em **contexto urbano**.

Atualmente temos 1,7 milhão de pessoas indígenas no Brasil, segundo o último Censo Demográfico, realizado em 2022 pelo IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ainda que muitas pessoas indígenas não tenham se declarado como tal por falta de informação de direito, trata-se de um aumento de quase

89% no número de parentes em nosso país, em comparação com o último levantamento, feito em 2010.

A quantidade de parentes em contexto urbano também chama a atenção: mais de

78% dos indígenas nascidos no nosso país vivem atualmente nas cidades, **construídas sobre terras de povos declarados extintos**.

Somos muitos! Mas, ainda assim, por inúmeras razões, não nos sentimos pertencentes.





Enfrentamos diariamente desafios de acesso a direitos básicos, como Educação, Saúde e Moradia Digna – **e, acima de tudo, o direito de sermos quem somos.** Convivemos praticamente todos os dias com episódios de racismo e preconceito, reflexos da falta de **letramento e consciência indígena** nas cidades.

Essa cartilha é uma forma de reconhecer e acolher nossas dores e desafios por viver em centros urbanos. Mais do que isso, é uma potente ferramenta para nos unirmos em apoio e luta por **Territórios de Bem Ser e Bem Viver nas cidades.**

Você não está só!

“
Ao estarem nas cidades, nossos parentes são anulados, invisibilizados... Mas seus corpos estão aqui. Nossa responsabilidade é apoiá-los e mantê-los conectados com suas culturas, por meio da identidade indígena de seus ancestrais, contra o extermínio dos nossos!”

Kwarahy Tenetehar, fundador da Associação Multiétnica Wyka Kwara





VIVÊNCIA E RESISTÊNCIA: SUPERANDO DESAFIOS

*Confira os principais desafios
com que convivem hoje os
indígenas que estão em
contexto urbano e entenda
maneiras de enfrentá-los*



RECONHECIMENTO E ACESSO A DIREITOS

Um dos grandes desafios para quem é indígena e **vive e resiste** em contexto urbano é ter acesso a serviços públicos gratuitos, como **Saúde, Educação e Moradia**, além de **espaços de pertencimento para vivências culturais**.

Isso acontece porque a **sociedade brasileira se formou sob o desfazimento das sociedades indígenas e o apagamento de seus conhecimentos**.



A tida “documentação civil básica” é considerada requisito primário para qualquer tipo de acesso a serviços públicos. Mas indígenas nascidos em aldeias – *sobretudo os mais velhos!* –, muitas vezes, chegam às cidades sem essa documentação por falta de acesso a esse tipo de serviço. **E mais: aqueles que possuem tal “documentação civil básica”, em grande parte das vezes, não têm seus nomes grafados na língua falada de seu povo, o que representa uma grande violação de sua ancestralidade.**

Desde 2007, a Funai, Fundação Nacional dos Povos Indígenas, em parceria com o Governo Federal, atua para garantir acesso à documentação civil básica aos indígenas, por meio de visitas periódicas às aldeias, mas nem todos são beneficiados – e **principalmente aqueles que não possuem vinculação com nenhum povo reconhecido pela Funai são excluídos.**



Ainda não tem documentação básica? [Acesse o Manual de Procedimentos para Acesso à Documentação Civil para Indígenas](#), desenvolvido pela Funai. Você pode solicitar sua documentação no órgão responsável mais próximo!

Não possui vinculação com nenhum povo reconhecido pela Funai? Mobilize-se em associações para buscar seus direitos, reivindicando contra as limitações impostas!

Acesso à Certidão de Nascimento, Carteira de Identidade, Cadastro de Pessoa Física (CPF) e/ou Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) pode te garantir uma série de benefícios sociais – e, em nenhum momento, conflita com o acesso a direitos específicos do nosso povo.



“Tive dificuldade em acessar o Ensino Superior por meio do sistema de cotas por conta da ausência de documentação. Acabei tendo que enfrentar um processo desgastante, de ampla concorrência, para entrar na universidade, em vez de usufruir de um direito nosso, de entrar pela reserva de vagas para pessoas indígenas. Tudo porque não tinha documentação suficiente!”

*Gabriela Luz da Cunha, indígena
Aymara e associada de Wyka Kwara*



O SONHO DE CURSAR UMA UNIVERSIDADE

Entrar na universidade e ter uma graduação é um sonho para muitos indígenas, que acabam deixando suas aldeias e migrando para as cidades em busca dessa oportunidade.

A adaptação à vida nos centros urbanos, no entanto, traz muitos desafios, que refletem na vida universitária.



No ingresso, a ausência de documentações civis básicas que comprovem nossa origem, muitas vezes, nos impedem de ter acesso a direitos que são nossos, povos indígenas. **Isso porque, atualmente, a entrada nas universidades como pessoa indígena está condicionada à comprovação de territórios e povos reconhecidos pela Funai, impossibilitando o acesso de indígenas em diáspora ou pertencentes a povos cujos territórios estão em processo de reconhecimento, demarcação ou homologação.**



E não acaba por aí! Uma vez dentro da universidade, além de ter que lidar com episódios de preconceito e racismo no ambiente estudantil, reflexos da falta de letramento nas cidades, os estudantes indígenas que vivem em contexto urbano, muitas vezes, também enfrentam a dificuldade de aprendizado num novo idioma, bem diferente da sua língua nativa.

Por fim, **o Estado tem políticas públicas para tirar indígenas das aldeias, do meio de seus povos. Mas não tem qualquer política de incentivo para a volta desses profissionais para seus territórios, quando já formados. Como consequência, muitos não retornam – mais uma ferramenta do sistema para esvaziamento de nossos territórios.**



Está enfrentando dificuldades de adaptação na sua instituição de ensino? Procure pela CGE-Funai, a Coordenação Geral de Educação da Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

“ Minha experiência na universidade foi intensa: de muito aprendizado, mas também de muita dor. A verdade é que, no geral, as pessoas da cidade não estão preparadas para entender as nossas múltiplas realidades indígenas. Já precisei esconder minha origem, muitas vezes, no ambiente acadêmico. Me aceitam parda, mas não indígena. Wyka Kwara me dá uma força no caminhar que me ajuda a superar muitos medos e desafios! ”

Mariana Cambirimba, indígena Potyguara e associada de Wyka



NA CIDADE TAMBÉM HÁ DOENÇA

Indígenas em contexto urbano sofrem muito com a ausência de políticas para acesso à saúde.



Embora mais de **78%** dos indígenas que nascem no Brasil vivam, atualmente, nas cidades, as políticas públicas que garantem acesso à saúde para o nosso povo são 100% voltadas para parentes que vivem em terras regularizadas. Ou seja, em aldeias!

Como consequência, quem está na cidade sofre para ter acesso a atendimento de qualidade, bem como o restante da população que vive em áreas urbanas.



Em caso de doença, procure pela SESAI, a Secretaria de Saúde para Indígenas, ou ainda pelo SasisUS, o Subsistema de Saúde Indígena, para explicar sua situação e buscar auxílio.



Não possui vinculação com nenhum povo reconhecido pela Funai? Mobilize-se em associações para buscar seus direitos, reivindicando contra as limitações impostas!

“ O acesso à saúde para nós, parentes, é muito precário nas cidades, assim como o acesso à informação! Fui ao ginecologista pela primeira vez já maior de idade. Minha mãe, indígena do Espírito Santo, aos 50 anos, nunca tinha ido. Ela só foi depois de muita insistência minha em buscar o bem viver para ela. Quando o assunto é saúde, os desafios para nós, remanescentes que vivem em grandes favelas do Sudeste, são gigantes! ”

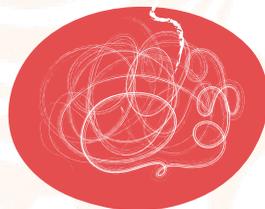


Carine Giuseppe, indígena Tabajara e Kariri e associada de Wyka Kwara

E A SAÚDE MENTAL, COMO FICA?



Parente, você já sentiu sintomas de depressão ou ansiedade depois de se mudar para um centro urbano? Não se sinta só!



Nossos desafios relacionados à saúde mental são bastante peculiares. Vivendo nas cidades, enfrentamos uma série de conflitos que impactam diretamente no nosso Bem Viver. Quase todos esses conflitos, aliás, estão diretamente ligados ao processo colonialista!

Longe de nosso território, de nossa língua, de nosso povo e da natureza, nos sentimos sozinhos e essa sensação, muitas vezes, evolui para um adoecimento.

Esse processo de ruptura, ao se mudar para a cidade, quando somos apresentados a tantos riscos e incertezas, não é nada fácil. Mas, de novo, você não está sozinho! O adoecimento mental do nosso povo é atravessado por sofrimentos singulares, porém unidos podemos construir uma rede de apoio para nós mesmos.

O atendimento psicológico pode ser um grande aliado no processo de restauração da saúde mental dos indígenas em contexto urbano. Busque por atendimento gratuito de um psicólogo ou procure por um especialista indígena na área da Psicologia. Você também pode buscar por grupos de apoio ou organizações que atuem na causa, como a Wyka Kwara ou a ABIPSI, a Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos(as).



“ Eu sentia muita tristeza na cidade. Tinha uma melancolia profunda! Tentava buscar meu passado, mas a minha própria família negava esse passado. Parecia que faltava algo dentro do meu coração, da minha alma... A Wyka Kwara tem me ajudado muito nesse sentido: são muitas pessoas em situações parecidas, um vai fortalecendo o outro! ”

Karina Cordovil, indígena Tupinambá e associada de Wyka Kwara



AFASTAR-SE DA CULTURA ANCESTRAL TAMBÉM ADOECE

Outro desafio enfrentado por nós, parentes que vivemos em contexto urbano, e que tem relação direta com a nossa saúde mental é o adoecimento étnico, a **orfandade étnica, a depressão ancestral e a ausência de cura cultural.**

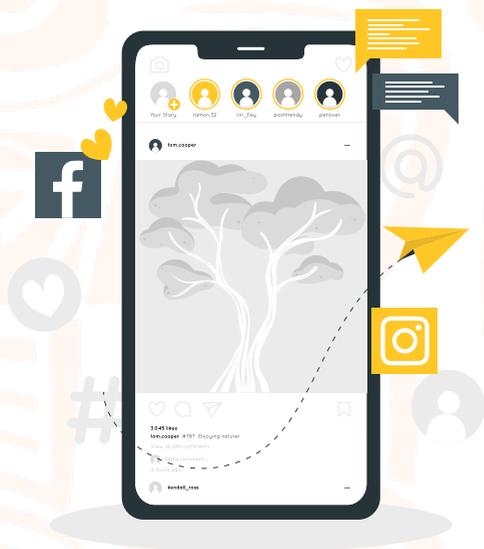
Tratam-se de fenômenos que experienciamos quando, por morar em uma cidade, nos afastamos de costumes ancestrais – como os ritos de canto, os rezos, a prática **esportiva, a fraternidade social**, o ritual de nos reunir em volta de uma fogueira para fazer **um aconselhamento...**

– e, assim, vamos nos sentindo cada vez mais descolados de nossa identidade indígena e de nossos antepassados.



Nossa organização, a Associação Multiétnica Wyka Kwara, inclusive, começou com um episódio desses, vivido pelo nosso fundador Kwarahy Tenetehar, indígena da etnia Tenetehar Tembé.

Técnico em Enfermagem, servidor público Federal e graduado em Administração e Direito, com especialização em Constitucional e Trabalhista, ele se sentia sozinho na cidade de Belém do Pará (PA). A vontade **ancestral**, seguida pela frustração, **de ter pertencimento** no território que ocupava, fazia-o questionar como manter sua essência na cidade, afastado de práticas culturais e espirituais que aprendeu a valorizar desde cedo na aldeia **onde nasceu, posteriormente tomada por um político fazendeiro**.



Os conflitos geraram um adoecimento étnico e o levou a fazer um chamamento nas redes sociais por parentes indígenas que estivessem passando pelo mesmo contexto. Em pouco tempo, um grupo de centenas de pessoas se formou. O que começou como uma rede de apoio em 2012, fortaleceu-se e se transformou na Associação Multiétnica Wyka Kwara, com jurisdição nacional.

Nossa história é a prova viva de que você não está sozinho! Em caso de adoecimento étnico, busque também por atendimento psicológico ou ainda por grupos de apoio, como o Wyka Kwara, em que é possível compartilhar experiências para acolhimento.

“ Eu cresci vendo a minha avó fazer ritos com cacau... As práticas de medicina indígena no nosso território, os cantos, banhos, rituais para a lua... Tudo isso marcou a minha infância! Hoje é muito claro para mim que o processo depressivo que enfrentei quando fui para a cidade veio do afastamento dessas práticas diárias e recorrentes. Passei anos morando em Belém até conseguir retornar para o meu território e reencontrar um lugar de cuidado e acolhimento dentro dos movimentos indígenas. ”

Daniele Souza, indígena Anambé e associada de Wyka Kwara



A ESCASSEZ NOS RODEIA NA CIDADE

A fome e a insegurança estão muito presentes na vida de nós, parentes que vivem em contexto urbano!

Isso acontece porque na cidade, geralmente, nossa fonte de renda é focada no empreendedorismo: comercializamos a arte indígena que, infelizmente, é muito desvalorizada nas cidades.





Buscando sustento, muitos de nós aceitamos subempregos em trabalhos que nada tem a ver com nosso modo de pensar indígena. Ou tentamos viver de forma autônoma, prestando serviços. Ou, ainda, sofremos com o desemprego. De um jeito ou de outro, vivemos em insegurança financeira, sem saber o dia de amanhã!

Se você vive em contexto urbano e faz parte do grande grupo de indígenas que vive em situação de pobreza e afastamento cultural, com dificuldades para conseguir renda e enfrentando problemas relacionados à fome e insegurança nas cidades, saiba que não está sozinho e há organizações que podem te fortalecer!



Considere se unir a instituições que atuam com Agricultura Urbana, como a **Cidades Sem Fome**. Plantar o que comemos faz parte da nossa ancestralidade e é, sim, possível nas cidades.



Há também organizações que podem te ajudar a empreender melhor e, conseqüentemente, aumentar sua renda. Entre elas, **Aliança Empreendedora e Instituto RME**, focada em mentorar mulheres em situação de vulnerabilidade social.

“ Os indígenas no Brasil são ricos nas aldeias e miseráveis nas cidades! A mesma pessoa que você vê vivendo como indigente na cidade, sem tomar banho, com dificuldade de comer, na aldeia vivia bem, de banho tomado, comendo bem, com fartura de peixe, macaxeira, banana... ”

Trecho da reportagem “Fartura na Aldeia, Fome na Cidade”, da Revista Piauí



RESPEITE A MINHA ETNIA

Morar na cidade é um eterno vivenciamento de manifestações de **racismo e preconceito**, resultantes da falta de letramento das pessoas. Somos frequentemente **alvos de repressão, ofensas e agressões!**

Resistentes a todas as dores, muitas vezes recorremos à alternativa de ocultar a nossa cultura e identidade para negar o sofrimento causado por aqueles que querem apagar a nossa história, **para em outro momento oportuno retomarmos a nossa luta.**

Mas isso pode apenas nos afastar cada vez mais de nossa identidade e ancestralidade. Por isso, reforçamos: você não está sozinho, parente! Juntos lutaremos contra o etnocídio dos indígenas que chegam aos centros urbanos e também dos que estão nos territórios – uma vez que tudo o que os povos indígenas passam nos territórios, em outro tempo, nós que estamos em contexto urbano passamos.



O Território do Bem Viver nas Cidades é, sim, um território possível!

Em casos de racismo e preconceito, denuncie no Disque 100! A Lei Federal 7.716/89, conhecida como Lei do Racismo, prevê que “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. E, claro, busque acolhimento. Cuide de você!

“ Eu nunca tinha sofrido racismo enquanto não fazia questão de me mostrar indígena. Depois que assumi publicamente minha identidade, já ouvi e senti dores profundas. Aí começo a perceber os olhares de desconfiança, os questionamentos, as dúvidas dos que me cercam... Sim, eu sou indígena em contexto urbano e isso não me faz menos ou mais do que ninguém! Nós seguimos sendo perseguidos e atacados, mas nós não sabemos morrer, só sabemos inventar mundos. O homem branco sabe destruir e nós sabemos reconstruir! ”

Natalia Barreto, indígena Goitacá e associada de Wyka Kwara



SOMOS LUTA E RESISTÊNCIA

Ao morar nas cidades, vivemos às margens dos direitos garantidos a todos os seres humanos pela Constituição, direitos básicos como Saúde, Educação, Moradia Digna e **ser quem somos**.

Enfrentamos diariamente episódios de racismo e preconceito, muitas vezes velados, que apenas nós sabemos o sofrimento de vivenciar. Tudo isso **causa dores étnicas, culturais, conceituais e ritualísticas!**

Mas o Território do Bem Viver nas Cidades só será possível se não nos calarmos. Se enfrentarmos!

Nossas tradições, língua e cultura devem ser respeitadas e preservadas em todo o território nacional.

Nos acolhermos em nossas dores e desafios é, sim, fundamental. Mas lutar pela garantia dos nossos direitos em contexto urbano também é um chamado urgente para uma jornada inclusiva e igualitária, que começa com a busca por informação e conscientização.

Juntos, somos a voz da resistência que ecoa por todos os tempos, desde os nossos ancestrais até os nossos atuais e futuros descendentes!



Busque por organizações que compartilhem informação sobre a causa indígena, como Wyka Kwara.

“ Nossa luta é para que a gente não adoça num sistema que nunca foi nosso. É por memória, pertencimento, por poder dizer quem somos. É por aquilo que perdemos, porque perdemos tudo. É por reparamento histórico para que sejamos curados e para que sejamos força nas cidades para a construção de outros mundos possíveis. Nossa luta é por mudança! Para que parentes aldeados, quando nas cidades, não passem por todas as violências que passamos e ainda vivemos. ”

Moara Tupinambá, vice-presidente de Wyka Kwara



PARENTE, ANTES DE NOS DESPEDIRMOS...

Esperamos que, de alguma maneira, essa cartilha tenha ajudado a reconhecer e acolher dores e desafios que sabemos que enfrenta por viver na cidade.

Lembre-se: você não está sozinho!

Somos muitos! Nossa luta e nosso caminhar são potentes e as cidades também são, sim, nossos territórios.

A Associação Multiétnica Wyka Kwara te convida a acessar o site www.wyakawara.org e se associar à nossa organização para que, **coletivamente**, possamos seguir em apoio e luta, por Territórios de Bem Ser e Bem Viver nas cidades. Eles são possíveis!

Por nós e por nossos parentes, seguimos construindo pontes entre as aldeias, povos e as áreas urbanas!

“ Nossa força está em reunir histórias dos parentes que vivem em contexto urbano e recoletivá-los. É como se juntos estivéssemos criando um novo povo, o que chamamos de etnogênese. Esse é um processo que sempre existiu, mas as pessoas esquecem! Na história do Brasil, há muitos povos sendo criados, povos que se desmembraram e deram origem a criação de outros. É isso que estamos fazendo: criando um novo povo indígena com os parentes que, por diferentes razões, deixaram suas aldeias e hoje se reúnem dentro das cidades. ”



*Varusa, indígena da
Associação Wyka Kwara,
integrante dos GTs de
Comunicação e Artes e Cultura*



Acolhemos indígenas que vivem em contexto urbano **e apoiamos as lutas de nossos povos, para que não passem pelas experiências de perdas que passamos.**

Nossa atuação é pela construção de Territórios do Bem Viver nas cidades!

 wykakwara.org

 (11) 97773-4703

 @associacaowykakwara

 /WykaKwara

Desenvolvido por:  **REPARTIR**

